

S. J. TILLY

KING

CONTO EXTRA

Tradução de Filipa Aguiar

 MARCADOR

— Ainda não percebo porque não podias vir a conduzir — resmunga o Nero, outra vez, enquanto segura a porta à Payton.

Reviro os olhos e mantenho a mão na zona lombar da Savannah, guiando-a para dentro do Twin's Café à minha frente.

— Não te levo a casa — protesta o Nero, colocando-se mesmo à minha frente e largando a porta.

Agarro-a antes que me acerte no ombro e estico o pé, acertando na sola do sapato dele, fazendo-o tropeçar.

— King... — repreende a Savannah, arruinando o tom com o sorriso.

— Sim, mulher? — Finjo inocência.

A Payton entrelaça o braço no da Savannah e seguem juntas para o balcão.

Eu e o Nero vamos atrás, a ouvi-las enquanto a Payton lhe descreve as sanduíches preferidas.

No caminho até aqui, foram sentadas atrás, de cabeças juntas, a cochiçar o tempo todo. Adorava saber o que as fazia rir, mas não quis interromper.

Não me surpreende que se tenham tornado amigas. Sempre soube que acabaria por acontecer. Mas é bom ver que aconteceu tão depressa.

Pelo sorriso do Nero, sei que ele também está contente.

— Olá, Payton — cumprimenta uma mulher mais velha, levantando a mão antes de entrar na cozinha ao fundo.

A Payton acena e depois ela e a Savannah param diante do balcão, em frente a um tipo que reconheço da última vez que aqui estive.

As raparigas pedem.

E pedem.

Mordo o lábio para não sorrir quando cada uma pede almoço e várias entradas, além de limonadas.

O tipo levanta os olhos por cima dos ombros delas para mim e para o Nero.

— E vocês?

— Um *panini* de peru com *bacon* — responde o Nero primeiro. — E um folhado de cereja.

— Uma sanduíche de *pesto*. E uma dose de fruta.

— Fracassado — murmura o Nero.

Ignoro-o.

As raparigas afastam-se. Estendo o braço, entregando o cartão ao empregado.

Ele aceita, mas, antes que o consiga fazer, o Nero bate-me na mão.

— Que raio se passa contigo? — pergunto, encarando-o.

— Pago eu — diz, estendendo o cartão.

O empregado hesita, antes de o aceitar.

Bato com a mão no braço do Nero, dobrando-o e afastando o cartão.

— Idiota.

Ele dá-me um encontrão. Deixo cair o meu cartão no balcão e devolvo o encontrão. O Nero tropeça, mas consegue mandar o meu cartão para o chão.

Arranco-lhe o cartão da mão e meto-o no frasco das gorjetas. Com a outra, tiro notas do bolso e enfio-as na mão do empregado.

O Nero tira o cartão do frasco quando eu o agarro pela camisa e o puxo para trás.

— Apanha o meu cartão.

Ele não o faz. Dá-lhe um pontapé, fazendo-o deslizar pelo chão.

Empurro-o ao mesmo tempo que o largo.

— Idiota és tu.

As raparigas estão sentadas numa mesa ao fundo e fingem que não nos conhecem. Tenho vontade de puxar a cadeira do Nero antes de ele se sentar, mas a Payton podia levar a mal e não quero estragar o ambiente.

Sentamo-nos e elas continuam a conversar.

Só quando já comemos a maior parte é que noto algo estranho.

A Savannah está a sorrir.

Muito.

Depois a Payton ri-se. Com *gosto*.

Não sei o que se passa.

A Savannah inclina-se para a Payton, como se fosse contar um segredo.

— Devíamos?

— Deviam o quê? — corto.

A minha mulher morde o lábio.

— Hum, nada...

Inclino-me para a frente.

— O que se passa?

O Nero olha à volta, depois fixa-se nelas.

A Savannah troca um olhar com a Payton e inclina-se para a mesa, imitando a minha posição.

— Prometes que não ficas zangado?

Inclino a cabeça.

Ela está com os olhos brilhantes... e um pouco vermelhos, tal como as faces, e continua a sorrir.

Não está preocupada com a possibilidade de eu ficar zangado.

Está...

Reprimo o sorriso, adivinhando o que se vai passar, mas querendo que seja ela a falar.

— Prometo.

O Nero inclina-se também. A Payton imita-o, a rir outra vez.

— O quê... — começa ele.

— Estamos um bocadinho pedradas — diz a Savannah, comprimindo os lábios.

— Estamos? — O Nero parece chocado.

A Savannah ri-se.

— E como é que isso aconteceu? — pergunto num tom neutro.

Ela desiste de esconder o sorriso.

— Comestíveis. A Ginger deu-me alguns. E não podes ficar chateado com ela. Já prometeste.

Baixo o queixo.

— E quando é que os comeram?

— No caminho.

— O que queres dizer com «estamos»? — interrompe o Nero. — Payton, estás pedrada agora?

A Payton anui.

A Savannah solta uma gargalhada.

O Nero arqueja, chocado. Como uma velhota, arqueja mesmo.

E eu deixo de esconder o sorriso.

— Estás bem? — pergunta ele, tentando tocar na testa da Payton.

Ela agarra-lhe os dedos e aperta-os, como se fosse um cumprimento, e volta a rir. A Savannah desata a rir também. O Nero olha para mim, tenso.

— O que fazemos?

Ergo uma sobrancelha.

— O que queres dizer com isso? Fumaram erva, não ingeriram arsénico.

— *Arsé* — diz a Savannah com sotaque britânico.

A Payton dobra-se a rir.

Franzo os lábios.

— Pensando melhor, se calhar, convém tirá-las daqui.

— Viemos juntos — diz o Nero, endireitando-se.

Abano a cabeça.

— Não.

— Não? Fizeste-me trazer-te e agora é «não»?

— É «não».

Ele levanta as mãos.

— Porquê?

— Tenho planos.

Fulmina-me com o olhar.

— Muda os planos. As nossas mulheres estão pedradas.

Sorrio.

— Eu sei.

Já sabia que Savannah ia gostar da minha surpresa... mas agora pode gostar ainda mais.

— Porque é que estás tão calmo?

O Nero agarra a borda da mesa. Sinceramente, ninguém me faz revirar mais os olhos do que o Nero.

— Estou calmo porque não sou um idiota gigante. E porque não é a primeira vez que a Savannah faz uma destas.

O Nero olha para a mulher, depois volta a olhar para mim.

— Ela vai ficar bem?

Inclino-me na direção dele para que, desta vez, não lhe escape o revirar de olhos. Tenta enfiar-me um dedo nos olhos. Afasto-lhe a mão.

— Posso pedir um *muffin*? — pergunta a Payton, distraíndo o Nero da retaliação.

— Sim, podes pedir um *muffin*.

— Oh, também quero um *muffin* — acrescenta a Savannah.

Levanto-me, estendendo a mão à Savannah.

— Vamos pedir uns *muffins* para levar.

A minha mulher segura-me na mão e puxo-a para se levantar. Ela sorri-me.

Abano ligeiramente a cabeça, embora lhe sorria de volta.

— Só arranjas sarilhos.

Ela pestaneja na minha direção:

— Sou uma artista.

— A minha artista.

Dou-lhe um beijo na têmpora.

A Payton ri-se de novo e viramo-nos para ver o Nero a ajudá-la a levantar-se.

De pé, o Nero agarra a Payton pelos ombros e inclina-se até ficar com o nariz a poucos centímetros do dela.

— Tens a certeza de que estás bem?

A Payton acena, batendo com a testa na dele.

A Savannah volta a soltar um risinho.

O Nero não reage, embora eu tenha ouvido o choque das testas e a Payton esteja a esfregar a dela.

— Queres gelo para isso? — pergunta ele, enquanto contenho o riso.

A Payton abana a cabeça e, de repente, arregala os olhos.

— Quero um *iced latte*. *Iced latte... la-tê*.

— Coco com mel? — pergunta o Nero, ainda sério. Depois afasta-se ligeiramente para não voltarem a bater com a cabeça quando ela acena. Endireita-se, ainda a segurar-lhe o braço. — Pedimos dois.

A Savannah puxa-me pela manga.

— Eu também quero um *latte*.

Abano a cabeça.

A boca dela abre-se.

— O quê?

— Faço-te um em casa.

O maxilar dela desce ainda mais e os meus olhos demoram-se, a pensar no que aquela boca é capaz de fazer.

— Mas... eu quero um daqui.

Ela parece genuinamente indignada, mas não sei se o carro que mandei vir tem suportes para copos. Além disso, tenho planos.

— Sem bebidas.

— Mas...

Estalo os dedos e a minha mulher fecha a boca.

É um truque que evito usar demasiado, porque adoro quando funciona.

A Payton leva as mãos à boca, mas, mesmo que estivesse sóbria, não conseguiria esconder o divertimento.

As pálpebras da Savannah descem ligeiramente. E eu adoro que ela não me consiga esconder a sua reação.

— Isso resulta mesmo? — pergunta o Nero, estalando os dedos à frente da Payton. — Nada de ficar pedrada em público.

— Não. — A Payton levanta as mãos e tenta estalar os dedos ao mesmo tempo.

Mas não sai som nenhum.

Franze o sobrolho e tenta outra vez.

E outra.

— Já não me lembro de como se faz.

O Nero suspira, segura-lhe os pulsos e baixa-lhe as mãos.

— Treinamos em casa.

A Savannah fica ao meu lado enquanto pedimos um *muffin*, um *croissant* de chocolate e um folhado de amêndoa para levar.

E eu controlo a vontade de dar um murro ao Nero quando ele exige que seja eu a pagar. Diz que lhe devo isso por a minha mulher ter deixado a dele pedrada.

Apesar de ter quase a certeza de que dei ao empregado o dobro do valor da conta da primeira vez, dou-lhe mais dinheiro.

Depois, saímos do café e sinto o sangue começar a ferver.

De dedos entrelaçados com os da Savannah, sigo pelo passeio na direção oposta à do carro do Nero.

A Savannah mantém-se em silêncio ao meu lado.

E continua assim enquanto a levo até à porta traseira de um carro preto.

Os vidros são tão escurecidos que é impossível ver o interior, mas sei que o motorista está no seu lugar. E mantém-se assim porque foi isso que lhe disse para fazer.

Sem falar.

Sem olhar.

Só conduzir.

A Savannah entra primeiro no banco de trás e eu aprecio-lhe o rabo nas calças largas pretas.

Dispo o casaco e entro atrás dela.

Quando fecho a porta, o motorista põe os auscultadores com cancelamento de ruído do banco da frente. Depois, cobre o espelho retrovisor.

Ao meu lado, a Savannah volta a encontrar a minha mão.

— O que é isto?

O motorista arranca, entrando no trânsito da cidade.

Deixo o saco com os bolos no chão, juntamente com o casaco, e estendo a mão para carregar no botão que abre o teto de abrir.

— King? — A voz dela sai entrecortada.

— Sabes perfeitamente o que é. — Viro-me para ela. — Desaperta as calças.

O peito dela sobe e desce enquanto observo o decote a mexer-se. Ainda assim, leva as mãos ao fecho, desaperta o botão e baixa o fecho *éclair*.

— Encosta-te.

Ela encosta-se ao banco.

— Afasta as pernas.

Faz o que mando, lançando um olhar rápido para a nuca do motorista.

Mas ele mantém os olhos em frente.

Conhece as regras. Cinco dígitos para cumprir o trabalho como pedido. Uma bala na cabeça se quebrar as regras. E, considerando que é um acompanhante a tentar pagar o curso de Medicina, acredito que fará a escolha certa.

Inclino-me sobre a Savannah, colando os lábios ao lado do pescoço dela.

Ela deixa cair a cabeça para trás.

E deslizo a mão pela frente das calças.

Uma fina camada de renda separa-a dos meus dedos.

Passo-os sobre ela e pressionoo.

Apenas pressionoo.

Mas sinto-a contrair-se sob o meu toque.

Subo com a língua pelo pescoço dela.

— Podes gemer, Savannah — murmuro. — Ele não te ouve. — O carro para num semáforo. — Mas não muito alto... ou as pessoas na rua ouvem.

Ela levanta os olhos para o teto aberto.

Empurro o dedo do meio contra a entrada dela e deslizo-o para cima... até onde quero.

Ela geme e tenta agarrar-me.

Encosto os lábios à face dela.

— Segura as tuas mamas. Quero ver.

A minha boa mulher faz exatamente o que mando.

Agarra-as, os dedos a apertarem a carne.

Desenho círculos e deixo escapar um som ao perceber que já está húmida.

— Já assim para mim?

A Savannah acena.

— Aperta os mamilos. Mostra-me até onde consegues chegar antes de te fazer vir.

Um som prende-se na garganta dela enquanto enfia a mão no decote.

O meu corpo reage de imediato.

Estou meio duro desde que pensei nisto. Agora estou completamente. E já a pensar em quando poderemos repetir isto.

— Tira — ordeno.

Ela começa a tirar a mão, enquanto com a outra tenta chegar até mim.

— A mama. — Ajusto-me no banco e aperto-me através das calças. — Mostra-ma.

Os olhos dela, enevoados, encontram os meus enquanto puxa o tecido para baixo e baixa o sutiã.

Depois oferece-se.

Inclino-me sobre ela e tomo-a na boca.

Ela enfia as mãos no meu cabelo, segurando-me ali.

Os meus dedos encontram o tecido da roupa interior e, enquanto passo a língua sobre a pele arrepiada, afasto-o para o lado e enterro dois dedos nela.

Ambos gememos.

O carro para outra vez e o som da rua entra pelo teto aberto.

Movimento os dedos. Depois retiro-os. Escorregadios com a excitação dela.

E volto ao mesmo ponto.

Ela está tão preparada.

Tão pronta.

Tão reativa.

Aperto-a com mais força.

Movimento a mão.

Outra vez.

E outra.

Gemo contra a pele dela.

E fecho os olhos quando ela se contrai.

Quando explode.

Quando grita... para toda a gente ouvir.